

A TEORIA CRÍTICA FRENTE A FRIEZA DA SOCIEDADE E DA EDUCAÇÃO

Chrislaine Aparecida de Souza¹

Arianny da Silva Bezerra²

Aline Soares Silva³

Josiane Patrícia Herculano Pereira⁴

Vânia de Fátima Noronha Alves⁵

RESUMO

A frieza, advinda do campo de investigação da Teoria Crítica, tornou-se de suma importância para a compreensão do fenômeno da indiferença, que a cada dia reverbera em uma escala relevante no cerne das relações humanas, em seus âmbitos sociais e culturais. Cria-se, então, abismos na construção de um diálogo de caráter cooperativo, alimentando uma subjetividade burguesa, alicerçada nas engrenagens do sistema capitalista, reproduzindo comportamentos baseados nas relações monetárias e condicionando a essência humana a um ajustamento, legitimado na busca fugaz do progresso e evolução da nossa sociedade. A instituição escolarizada, nesse contexto, reproduz a frieza permeada na sociedade, onde, sem que se dê conta, tende a equalizar as relações, pautada no princípio da igualdade, e dessa forma, acaba por segregar e ampliar ainda mais as diferenças sociais existentes. É na plena compreensão de igualdade e justiça, que o conceito da “frieza” ocorrerá de forma ampla e poderá ser combatida, objetiva este trabalho.

Palavras-chave: Teoria Crítica, Frieza, Educação, Sociedade

INTRODUÇÃO

Vivendo em uma sociedade individualista, permeada por relações de superficialidade, onde cada indivíduo é capaz de pensar e agir segundo seus próprios interesses e convicções, vem à tona o termo “frieza”, termo este, que mostra como determinada parcela da sociedade é posta à margem da mesma, que demonstra total indiferença com o outro, com seus sentimentos e dores, tornando-se pessoas frias, assim como a sociedade e os mais diferentes setores que a compõe. A frieza está eminentemente permeada nas relações, seja ela médico/paciente, aluno/professor, advogado/cliente, vendedor/comprador. “Apesar da variação da aplicação da metáfora ‘frieza’, frequentemente marcada por sentimentos subjetivos, com a sua declarada intenção de protesto ela se refere a aula objetivo e geral.”

¹ Mestranda em Educação da PUC MINAS, chris.historia25@gmail.com

² Mestranda em Educação da PUC MINAS, ariany4@gmail.com

³ Mestranda em Educação da PUC MINAS, allinesoares@gmail.com

⁴ Mestranda em Educação da PUC MINAS, josphp2004@oi.com.br

⁵ Professora orientadora: Doutora, PUC MINAS, vaninhanoronha@gmail.com.

(GRUSCHKA, 2014). A frieza, tema deste Artigo, se mostra permeada nas mais diferentes relações e ambientes de convívio, revelando uma sociedade pouco justa e nada igualitária.

Antes de tratarmos mais a fundo do termo “frieza”, é necessário contextualizar o cenário onde o mesmo passa a ser evidenciado. Nas primeiras décadas do século XX, intelectuais e sociólogos da escola de Frankfurt, de base marxista, envoltos em estudos e pesquisas empíricas, demonstraram “a identidade dos movimentos operários europeus em uma atitude de não conformidade com a reprodução da miserabilidade humana tanto em âmbito físico como espiritual” (OLIVEIRA e ALVES, 2017). Não conformados com a falsidade entre a realização dos desejos individuais e das leis sociais, bem como entre a “subjetividade e a objetividade”. Notadamente o sistema capitalista contribuía para a ampliação dos conflitos sociais e afastava cada vez mais essa parcela significativa da sociedade de sua emancipação, assim, percebia-se como a burguesia ascendente reagia de forma fria, às aspirações do operariado.

Envoltos pelas questões sociais, econômicas, culturais e filosóficas, e em contraposição a teoria Tradicional, assim denominada por Horkheimer, os intelectuais de Frankfurt, emolduraram a Teoria Crítica, uma teoria que se “vincula à prática social” mostrando que só “na prática social é possível compreender e superar as contradições sociais”, tendo como base a reflexão, estudo e intervenção para os mais diferentes problemas sociais, gerados principalmente pelo capitalismo. A crítica passa então, a ser denominada como um princípio que “nomeia todas as teorias que se pautam pela negação da ordem estabelecida, pelo anti-positivismo, pela busca de uma sociedade mais justa e humana” (ZUIN e GOMES, 2017).

Seu surgimento se dá a partir do pensamento e ação dos intelectuais, que, na escola de Frankfurt travaram um embate direto contra a hegemonia positivista dominante. Em 1937, por meio de um ensaio manifesto, Max Horkheimer defende a necessidade do vigor de uma teoria que se mantivesse na reflexão ativa sobre o corpo social. “Uma teoria que desvelasse o aparente em busca do real” (HORKHEIMER apud OLIVEIRA e ALVES, 2017, p. 92). Firmando assim, a oposição da Teoria Crítica frente à Tradicional. Era entendido que a Teoria de modelo positivista e cientificista, já estava ultrapassada, pois tal quantificava o pensamento filosófico. A Teoria Crítica, então, viria para confrontar as ideias já postas pela Tradicional, de base positivista. Evidenciava-se então, o apoio e a intenção de tornarem-se justas as relações sociais que privilegiava uns em detrimento de outros, visava compreender uma sociedade que era indiferente às mazelas

sociais e comprovava a sua total negação àquela classe menos privilegiada. Para os críticos, a Teoria tratava da consolidação de uma teoria social, pautada na pesquisa teórica, empírica e crítica, voltada à emancipação dos sujeitos. Sendo capaz de se contrapor à teoria social hegemônica.

“Na perspectiva crítica, a teoria se vincula à prática social, enquanto a pesquisa social deve ir além da dimensão da especialidade e transformar-se em ciência interdisciplinar superando, por assim dizer, a limitação instrumental e normativa. A teoria deve ultrapassar, ainda, o recorte meramente especulativo, ou seja, filosófico- social da ideia de sociedade, pela crítica imanente da ordem social “danificada”. (ZUIN e GOMES, 2017, p.99)

A teoria tradicional, como expressa pelos frankfurtianos, era tida como não satisfatória para desvelar as questões sociais, por propor certa conformidade e por buscar quantificar o pensamento filosófico, mostrava-se, dessa forma, limitada e insuficiente para ser aplicada ao estudo da sociedade, assim como afirma GRUSCHKA

“A ciência, ciências sociais, e também as ciências naturais, tornam os homens de certa maneira objetos, de forma que críticos as percebem como frias. Eles não estão interessados no indivíduo, este desaparecem transformando em objetos de pesquisa, em estatísticas, como variáveis para os dados apresentados. A pesquisa biológica produz um novo ser humano. A pesquisa farmacêutica não mostra nenhuma compaixão em relação aos animais”. (2014, p.03)

O trabalho realizado pelos críticos pode ser considerado em pelo menos dois aspectos. Primeiro, “o teórico crítico olha para a sociedade e procura ver o que nela está bloqueando a emancipação dos sujeitos”. A este cabe ampliar as possibilidades de emancipação presentes na sociedade, é uma característica da teoria crítica guiar-se pelo ideal de emancipação dos sujeitos. “Para essa tradição, é impossível mostrar como as coisas realmente são senão a partir da perspectiva de como elas deveriam ser” (MARTINS, 2016, p. 346). O segundo aspecto relaciona a Teoria ao trabalho precursor de MARX

[...] a exemplo de Marx, os teóricos críticos entendem que a verdade é histórica. Por isso, continuar essa tradição significa, acima de tudo, não repetir os seus antecessores. O teórico crítico deve acompanhar o movimento histórico da sociedade e procurar superar seus antecessores, não com a pretensão arrogante de suplantar os seus mestres, mas com o objetivo de dar continuidade a essa tradição e acompanhar o movimento histórico. (MARTINS, 2016, p. 347)

A Teoria Crítica então apresentava-se num contexto complexo, onde seu maior objetivo era de desenvolver nos sujeitos a capacidade de pensar sobre si mesmos e de refletir sobre sua condição, sendo capazes de se emancipar e até mesmo, de explicar a realidade em que vive. Para tal, era necessário não se conformar com ordem exposta, a não conformidade, era preciso romper a barbárie, tornando-se um sujeito livre e autônomo.

Com isso, é possível pensar que, se ela não é uma teoria da revolução, tampouco é uma teoria desengajada ou desencarnada da realidade. Aliás, se ela oferece alguma contribuição para a história do pensamento contemporâneo, o faz por esse olhar dirigido a seu tempo, com uma atenção voltada à realidade da qual surge e na qual se insere, mediante a qual ela atinge seu significado peculiar (SILVA, 2007, p. 43).

Um espectro da frieza ronda a sociedade

Em tempos tão conturbados e líquidos (Zygmunt Bauman, 2014), ofertamos à Cronos cada ponteiro que avança ansioso pelo caminho da existência, na busca incessante por um lugar ao sol, julgando-se ser um ideal a ser conquistado. E nesta fatigante jornada esperamos culminar-se na celebração do progresso, da plena civilização. Neste prisma “a burguesia rasgou o véu comovente e sentimental do relacionamento familiar e o reduziu a uma relação puramente monetária” (MARX, 2010, p.21). Este véu que fora rasgado desvelou relações frias e calculistas de uma sociedade com suas díspares classes, emergidas na dinâmica das forças produtivas, caracterizando em uma cultura da indiferença como alicerce para a manutenção das engrenagens do sistema capitalista. No que repousa sobre o vértice analítico da frieza na sociedade, GRUSCHKA aponta

frieza não é apenas utilizada com um código em que se reclama de uma falta de dedicação e solidariedade interpessoal. Muito comum também é, por exemplo, atacar a medicina de aparelhos, em que a saúde dos homens seria entregue às máquinas. Aparelhagens burocráticas, que lidam com os homens sem olhar para o indivíduo, são consideradas frias. Prédios, como, por exemplo, secretarias do Trabalho, mostram a todos, já através de sua arquitetura, a frieza da administração de destinos. Fala-se, por exemplo, dos corredores frios nos quais os desempregados têm de aguardar até que sejam chamados para serem atendidos. Igualmente em relação ao direito se alega que cada vez mais ele protege os homens através da frieza: justamente ao torná-los objetos de processos inescrutáveis. O protesto associado à imagem da frieza contra os modos de vida da Modernidade estende-se também contra a cultura do consumismo, a qual não enxerga nada ofensivo na invenção de formas cada vez mais extremas para tornar a vida luxuosa, enquanto muitos seres humanos nem mesmo possuem a chance de satisfazer as suas necessidades elementares. (2014, p. 3)

E nesta perspectiva, surge em nossa memória coletiva ocidental cristã, um famoso gesto que transita por gerações, em que Pôncio Pilatos lava as mãos diante da condenação de Jesus Cristo e “eximi” de sua culpa perante o povo, e deixa para que os mesmos decidam o destino daquele Judeu. Quantas vezes não lavamos as mãos frente às desigualdades, intolerâncias, violência que assola a sociedade? Quantas vezes buscamos não nos importar com que acontece ao nosso redor? E seguimos encarcerados na “jaula de aço” (LOWY, 2014), acreditando-se que encontramos a fórmula ideal de

sobrevivência, limitando-se em enxergar apenas aquele velho e confortável espaço que nos cerca. Além da janela da “jaula” o horizonte desvela muito mais diverso.

Crianças afogadas, muros apressadamente erguidos, cercas de arame farpado, campos de concentração superlotados e competindo entre si para acrescentar o insulto de tratarem os migrantes como batatas quentes às injúrias do exílio, de escapar por pouco dos perigos enervantes da viagem rumo à segurança – todas essas ofensas morais cada vez menos são notícias e aparecem com menos frequência ‘no noticiário (BAUMAN, 2014, p. 8)

Uma efervescência de fatores que surgem cotidianamente, colocando em uma linha tênue a frieza e a solidariedade, uma reflexão que se torna seletiva sobre o que ignorar e o que deve receber uma atenção de compaixão, muitas vezes em uma lógica cruel e fria. Hierarquizando sentimentos, racionalizando emoções para que o *status quo* mantenha-se funcionando em sua forma unilateral.

Corroborando na reprodução de uma vida precária, baseada na insensibilidade moral, pela incapacidade de perceber e sensibilizar pela dor do outro, deste modo, nesta submissão das condições precárias, nossos esforços e capacidades humanas, estão envoltos em um exercício infatigável da adaptação constante, com isso, a indiferença com o próximo, torna-se uma condição necessária à sobrevivência. O “desvio do olhar”, o “dar de ombro” e o ato de “lavar as mãos”, caracteriza-se como expressão de uma constituição subjetiva marcada pela insensibilidade moral, a prevalecer a indiferença sobre a postura ética de se responsabilizar pelo outro, pelo mundo ao seu redor, pelos seus próprios atos. (FACCI, 2017). A indiferença encontra-se fatores legitimadores pautados na condição de adaptação de sobrevivência, regidos pelo discurso de uma “égide” burguesa.

A indiferença de um para com o outro, que para Adorno é o princípio fundamental da subjetividade burguesa, faz parte da constituição das relações de produção, tanto nas manifestações cotidianas dos indivíduos (‘o homem lobo do próprio homem’) como nas articulações agressivas dos grupos, das classes, dos povos, dos coletivos, de maneira geral (‘ele não faz parte da gangue’). [...] E essa frieza, que brota com exuberância do desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção delas derivadas, se fortalece ainda mais no interior das sociedades graças à eficiente contribuição do senso comum, da indústria cultural, mas também da escola, da igreja, dos sindicatos, das políticas, que ajudam a construir, ‘sem violência’, progressivamente, intensivamente, no dia a dia, em cada um de nós, a busca do interesse próprio de cada em contraposição aos interesses do outro. [...] [Também] A escola burguesa, pela própria concepção e história, [e a despeito de seu ideal de formação], alimenta a frieza burguesa dos discentes e dos docentes, e é preciso adaptar-se a essa realidade para poder sobreviver no interior da instituição. (PUCI, 2014, p. XVIII-XIX).

Nesta análise sobre os colaboradores na disseminação da frieza na sociedade, um dos fatores de suma relevância denota-se no campo da educação, lugar onde se deveria romper com as indiferenças, tornou-se reprodutor desta lógica, baseados em um cenário de competição, como legitimação do almejado sucesso.

Os reflexos da frieza nas relações humanas, sob a ótica da educação

O termo Frieza, como já exposto, ganha maior delineamento no início do século XX, especialmente quando Theodor Adorno, em sua obra “Educação após Auschwitz”, apresenta como tal está encravada em meio a nossa sociedade. Em seu ensaio, Adorno aponta *Auschwitz*, o maior conjunto de campos de concentração construído pelos nazistas para extermínio de judeus, durante a 2ª guerra, como um dos piores campos de horrores do mundo atual. É nessa perspectiva que o tema da Frieza passa ser discutido, com a intenção de que o horror vivido em *Auschwitz*, não volte a assolar a sociedade. Se as pessoas fossem suficientemente humanas e afetuosas umas com as outras, talvez *Auschwitz* pudesse não ter ocorrido, como supõe ADORNO (1995). O fato mais aterrorizante é que a mesma sociedade que criou homens capazes de cometer tais atrocidades foi a que permitiu que uma verdadeira “indústria de extermínio” de pessoas se instalasse, e funcionando inteiramente. “*Auschwitz* foi um episódio tão abominável e inconcebível que jamais poderá ser apagado ou esquecido nas páginas negras dos livros da história.” (ADORNO apud MICCHELINI, 2012).

Embora Adorno não seja um teórico da educação, sua obra leva à reflexão sobre a emancipação dos homens. Adorno aponta que a indiferença que existe entre os homens, é responsável pela barbárie pela qual advém a nossa sociedade, citando o holocausto, essa mesma barbárie se manifesta de diferentes formas nos múltiplos ambientes, entre eles, o escolar. Em sua obra, procura mostrar como a educação pode servir de instrumento de formação de pessoas, pessoas estas que também podem ser capazes de cometer atrocidades a serviço de um sistema individualista, excludente e xenofóbico. Assim, ADORNO (1995) apud (MICCHELINI, 2012) propõe que a educação deve voltar-se “para o caminho da cooperação, do diálogo, do entendimento, do apoio a posturas sensatas e conciliatórias. Através das relações interpessoais, que mexem com a emoção e geram laços afetivos se consegue uma ação transformadora e humanizante”.

Segundo Adorno (1995), a solução para evitar que a barbárie de *Auschwitz* se repita é a adoção sistemática de uma educação mais humanizada, desde os primeiros anos, que possa garantir a todos, independentemente de sua cor, raça ou religião, o respeito a sua individualidade e a valorização às diferenças. A escola humanizada deve ser solidária, ser espaço para a convivência harmônica, para a manutenção das relações de convívio diário e de preservação da vida. O que vemos aqui e não diferente de outras partes do mundo, é que conseguir tal humanização é desafio a ser vencido, conforme aponta GRUSCHKA

[...] é senso comum que o nosso sistema escolar público [o da Alemanha] não corresponde aos preceitos morais que a pedagogia burguesa destacou enfaticamente, que politicamente não acarreta igualdade de chances, que pedagogicamente não desenvolve a formação individual e que não educa para promover a emancipação de todos... (2014, p.19)

Fundamentalmente é de direito e seguro por lei, o ingresso de todo indivíduo às instituições escolarizadas, onde devem ser acompanhados e assistidos de forma justa e igualitária. Contudo, é cada vez mais aparente o quanto nossa sociedade é excludente, quando não oferta a todos os indivíduos, as mesmas condições de acesso à educação, por exemplo. Vemos constantemente como tal acesso e/ou permanência são negados, quando, devido às condições socioeconômicas, inúmeros indivíduos interrompem sua permanência na escola. A falsa democratização do ensino segrega diferentes realidades e sujeitos. Dessa forma, estes não atingem o “sucesso” esperado. Há uma promessa de universalização da formação escolar, onde todos podem e devem aprender tudo, mas é cada vez mais evidente que isto não ocorre de forma justa, conforme expõe FREIRE

O ideal é que, na experiência educativa, educandos, educadores e educadoras, juntos, "convivam" de tal maneira com este como com outros saberes (...). Algo que não nos é estranho a educadores e educadoras. Quando saio de casa para trabalhar com os alunos, não tenho dúvida nenhuma de que, inacabados e conscientes do inacabamento, abertos à procura, curiosos, ‘programados, mas para aprender’, exercitaremos tanto mais e melhor a nossa capacidade de aprender e de ensinar quanto mais sujeitos e não puros objetos do processo nos façam. (1996, p.34)

Muito frequente, vemos a frieza assolar as instituições escolarizadas, não só por fazer parte de uma sociedade discriminatória e excludente, a própria instituição e seus funcionários tendem a reproduzir a frieza social. Há muito se vê a indiferença de docentes, aos anseios e desejos dos menos favorecidos. De vítimas de um sistema frio, passam a ser algozes na reprodução da desumanização. Selecionam os mais bem-sucedidos, valorizam os mais abastados e de fato, e sem que percebam, excluem aqueles que mais necessitam de uma educação humanizada. A escola, dessa forma, mantém sua função de produção e legitimação das capacidades, evidenciando os privilégios daqueles

que mais são assistidos por ela e reforçando a dificuldade daqueles que não recebem a assistência eficaz. Alimentam situações discriminatórias e ampliam ainda mais as desigualdades, quando valorizam os saberes daqueles que comumente têm acesso aos meios sociais e culturais. Os docentes, ao contrário do que propõe FREIRE (1996), se fecham às indagações, às curiosidades, se tornam críticos, inquiridores, e por fim, frios.

De fato, a precariedade que acomete muitas escolas, principalmente de educação pública, impede que as mesmas assumam responsabilidades e deem respostas mais assertivas a respeito das expectativas das famílias e dos estudantes.

A igualdade presente na escola tende para a homogeneização das relações, a padronização dos estudantes sob a chave da categoria totalizadora “aluno”, que escamoteia as diferenças individuais, gerando a injustiça como fator de desigualdade. (REIS, 2015, p.67)

Educação “bancária” como reflexo da frieza: perspectivas para uma superação

Educar não é apenas uma transferência do conhecimento, não é apenas um exercício de memorização em que um espectador absorve regras e teorias na lógica de “quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores serão” (FREIRE, 2015, p.80). E nesta ótica depositária da educação, a mecanização do conhecimento ganha um considerável espaço, cuja a realidade de um ensino médio hoje, pauta-se em um árduo treinamento a culminar-se na realização de uma prova com suas extensas questões, em tempo cronometrado, marcando as opções com um famoso X, com a promessa de alcançar o “sonho” universitário e entrar na lógica do lugar ao sol no sistema vigente.

O processo do conhecimento, tornou-se um treinamento de conteúdos apostilados, hierarquizados em níveis de relevância a serem memorizados e findar-se em um “satisfatório” resultado, perpassando por um vértice de uma mercantilização da educação. De forma pretensa, tecer uma analogia a uma educação “bancária”, conteudista para a manutenção de um sistema de adaptação envolto a uma subjetividade burguesa na disseminação de uma

frieza, criando apenas receptáculos e não sujeitos autônomos que desvelam as verdades que não encontram-se aparentes na sociedade.

nesta visão “bancária” da educação, os homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos. (FREIRE, 2015, p.83)

Em uma sociedade competitiva em uma lógica meritocrática, a individualidade tornou-se premissa para a conquista dos objetivos, o eu é o ator principal dos interesses que regem os resultados a serem alcançados, mantendo uma indiferença em prol aos seus próprios benefícios, corroborando assim, com a manutenção de uma frieza, de uma adaptação, que alocou-se nas relações sociais, e que muitas vezes transveste de “virtude” na legitimação de um *status quo*. Em contrapartida a toda esta individualidade, o diálogo, torna-se o encontro “como um pronunciamento do mundo, se impondo como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. Por isto, o diálogo é uma exigência existencial” (FREIRE, 2015, p.109). A transformação da realidade é uma tarefa coletiva de forma integrada segundo FREIRE

não há um sem os outros, mas ambos em permanente integração. [...] A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na “inversão da práxis”, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens. (2015, p.51)

Sob esta ótica da transformação, rompe-se os receptáculos do conhecimento, junto aos seus receptores e cria-se uma esfera de ação, autonomia, busca de uma integração, o ajustamento à ordem vigente deve-se aflorar indagações e questionamentos, para não ser o reproduzidor de uma frieza e disseminador da indiferença, “existir humanamente é pronunciar o mundo, é modificá-lo” (FREIRE, 2015, p.108)

Considerações Finais

Promover a igualdade não é fator de garantia para o sucesso e manutenção dos indivíduos no ambiente escolar. A necessidade de entender cada sujeito como único, percebendo suas particularidades e singularidade, é fator que pode promover a igualdade. Para tanto, é preciso romper com paradigmas que assolam as relações sociais, dentre eles,

especificado neste trabalho, a frieza, transfigurada da indiferença, advinda de uma Teoria Crítica, que busca desconfiar do aparente e o desvelar, de uma forma mais ampla, na busca de uma intervenção para uma mudança de uma ordem social.

A frieza no cerne da educação, postulou uma reflexão de exímia importância, diante do fato histórico de Auschwitz, como algo a não se repetir, sendo o ápice da barbárie, com tudo, essa seria a premissa da educação para que tal infâmia jamais pudesse irromper e assombrar novamente a nossa existência.

No debruçar desta análise, a algoz frieza, repousa sobre a subjetividade burguesa, mantenedora de uma ordem de ajustamento e adaptação frente a legitimação de um progresso, na transcorrência das relações de produção dela derivada, interiorizando nas sociedades, através de várias instâncias, dentre elas a educação. E neste paradoxo da educação como premissa de evitar as barbáries, mas ao mesmo tempo, uma instância da disseminação da frieza, faça-se uma analogia ao termo educação “bancária” de Paulo Freire, que reverbera o conhecimento apenas como depósitos, uma memorização dos conteúdos estabelecidos, arquivando-os de forma dócil, sem qualquer anseio de inquietação.

Com isso, concluímos que tais métodos atuais nos remete a esta análise freireana, com vértices de práticas conteudistas, de questões estabelecidas e cronometradas, acúmulo de informações, envoltos a promessa do alcance do sucesso. Portanto, o individualismo impera na lógica meritocrática, e para tal superação desta concepção “bancária” da educação, busca-se pela tarefa coletiva, da premissa do diálogo, rompendo com as indiferenças e almejando a transformação histórica dos homens como responsabilidade do existir humanamente.

Referências

ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

FACCI, Douglas Tadeus Da Silva. Formar Contra a Indiferença: Um princípio para a Educação Escolar. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2015, 59ª edição.

GRUSCHKA, Andreas; et al. Frieza Burguesa e Educação: A Frieza como mal-estar moral da cultura burguesa na educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. O manifesto do partido comunista. São Paulo: Mini Livro, 2010.

MARTINS, Mauricio Rebelo. Filosofia da educação: os suportes da teoria crítica para a pesquisa educacional. ESPAÇO PEDAGÓGICO, Passo fundo, v. 23, n. 2, p. 344-355, jun./dez. 2016

MICHELINI, Salete. Pedagogia ao pé da letra. Resenha crítica: “EDUCAÇÃO APÓS AUSCHWITZ” (THEODOR WIESENGRUND ADORNO), 2012. Disponível em: <
<https://pedagogiaaopedaletra.com/resenha-critica-educacao-apos-auschwitz-tw-adorno/>
>. Acesso em: 11 ago. 2018

OLIVEIRA, Thiago Luiz Santos de; ALVES, Rejane. A FRIEZA BURGUESA NA ESCOLA: práticas, rituais e simbologias. Pedagogia em Ação, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 97-107, mai.2017.

PUCCI, Bruno. Na educação escolar a frieza se concretiza de forma especial. GRUSCHKA, Andreas. Frieza burguesa e educação: a frieza como mal-estar moral da cultura burguesa na educação. Campinas, SP: Editores associados, 2014.

REIS, Magali. Indiferença civil e infância: uma análise da comunidade em relação às crianças. Comunicações, Piracicaba, v. 22, n. 3, p. 61-74, 201./ago. 2015

SILVA, Vital Ataíde da. Adorno e Horkheimer: a Teoria Crítica como objeto de emancipação. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação do Departamento de Filosofia. Universidade Federal da Bahia: Salvador-BA, 2007.

ZUIN, Antônio; GOMES, Luiz Roberto. A Teoria Crítica e a sociedade da cultura digital. Revista Eletrônica de Educação, Universidade Federal de São Carlos, v. 11, n. 1, p. 97-107, mai.2017.